



para além do preto  branco

«Onde Estamos, Para Onde Vamos»

«A Semana» realizou de 28 a 30 de Junho, na Cidade do Mindelo, a II edição do seu fórum «Onde Estamos, Para Onde Vamos», que foi considerada um sucesso pela generalidade dos seus mais de 200 participantes. Durante três dias, quadros, dirigentes, governantes, empresários, simples cidadãos, dos mais variados quadrantes sociais e políticos, debateram os diversos temas do fórum, cujos ecos rapidamente chegaram a outros pontos do território nacional e até do estrangeiro. Infelizmente, na impossibilidade de publicar esta reportagem na versão papel de «A Semana», este jornal decidiu avançar com esta divulgação online, mantendo, entretanto, o compromisso da publicação de uma brochura cuja edição se encontra em preparação. Mais uma vez, «A Semana» agradece a todos – palestrantes, patrocinadores e participantes no geral – que decidiram associar-se a esta iniciativa que veio para ficar. Tanto mais que, por exigência vária, a próxima edição terá lugar em Santo Antão, num espaço de tempo que acreditamos para breve.



Fórum A Semana surpreende pela qualidade

Debate frontal e cordial

A cordialidade e a frontalidade marcaram os debates suscitados no fórum organizado por A Semana no Mindelo, sob o mote Onde Estamos, Para Onde Vamos. Pela sua qualidade e pertinência, as intervenções serão reunidas e publicadas numa brochura daqui a aproximadamente três meses.

Kim-Zé Brito

O jornal A Semana reuniu, em S. Vicente, especialistas cabo-verdianos e estrangeiros num círculo de debates que visou tomar o pulso a questões da actualidade do sistema político, económico, financeiro, turístico, cultural e social cabo-verdiano. Onde Estamos? Para Onde Vamos? foi o desafio lançado aos diversos painéis discutidos durante os dias 28, 29 e 30 de Junho, na sala de conferências do INDP. E, como ficou claro, nem sempre é fácil saber como estamos nem para onde vamos, em várias matérias.

A abertura do evento esteve a cargo da edil Isaura Gomes, que elogiou este semanário por ir já na segunda edição do fórum, e ainda mais por isto acontecer também na cidade do Mindelo, terra que Deus dirramá se ligria". Para a autarca, os temas propostos para debate são matérias pertinentes e sugestivas. Por isso mesmo, apelou aos intervenientes deixarem recomendações concretas e evitar que o encontro seja apenas mais um mero exercício de abordagens e de opiniões.

Um dos principais objectivos do Fórum foi reunir individualidades dos mais diversos quadrantes e sensibilidades políticas numa sala, preocupadas apenas com um propósito: o desenvolvimento de Cabo Verde. Como referiu Filomena Silva, directora deste sema-

nário, no acto de abertura, o país deve saber cultivar a diversidade de pensamentos mas tendo sempre por base o amor a este arquipélago.

Movidos ou não por estas dicas, o certo é que o segundo fórum Onde Estamos, Para Onde Vamos foi marcado por um clima de tolerância pela opinião contrária e por intervenções tecnicamente bem estruturadas. Apesar da presença de pessoas politicamente conotadas, como são os casos de Gualberto do Rosário, Onésimo Silveira, Amadeu Oliveira, José Pedro Oliveira ou Amadeu Cruz, as discussões ativeram-se aos pontos centrais dos temas.

Como é natural, determinados painéis prenderam a atenção da plateia pela sua pertinência e actualidade. Foram os casos dos temas relacionados com o turismo, a disputa dos terrenos das ZDTI's, a segurança interna versus imigração clandestina e a criminalidade, o sistema financeiro, os recursos humanos, o funcionamento da Administração Pública e ainda a qualidade da mensagem política em Cabo Verde...

"O real e o imaginário no mercado de capitais cabo-verdiano" foi o painel que abriu o fórum e a sua apresentação esteve a cargo de Carlos Burgo, Administrador do Banco de Cabo Verde. Na sua explanação, Burgo fez

referência às características do sistema financeiro cabo-verdiano, que considera sólido, e enumerou avanços nesse sector, nomeadamente o recurso aos pagamentos electrónicos e informações on-line, disponibilizadas na Internet pelos bancos, além da reabertura da Bolsa de Valores. Quanto ao ponto da situação, Burgo considera haver um excesso de liquidez nos bancos que, na sua opinião, pode ser canalizado para o financiamento do tecido empresarial, especialmente das médias empresas.

"As insuficiências do sistema, a meu ver, estão ao nível da intermediação financeira. Temos um excesso de liquidez que pode ser disponibilizado para o crédito", frisou o interlocutor, que gostaria de ver uma maior eficiência das instituições financeiras e mais competitividade fiscal em Cabo Verde. Aliás, Burgo aproveitou o fórum para anunciar a decisão do BCV de propor, para breve, a liberalização das operações financeiras. Ponto polémico também abordado por Burgo foi a despenalização das infracções financeiras. O referido painel foi enriquecido com as apresentações de Veríssimo Pinto, PCA da Bolsa de Valores, e de Olavo Correia, um dos Administradores da imobiliária Tecnecil. Veríssimo Pinto foi brilhante na sua apresentação e mostrou que o mercado bolsista não é

só uma realidade consolidada em Cabo Verde, como tem dinâmica própria e vai expandir-se de forma segura em Cabo Verde contrariando todos os previsões pessimistas acerca deste importante ramo financeira. Afinal, o cabo-verdiano está apostando na bolsa de dinheiro não falta, porque até agora a demanda tem sido muito maior que a procura.

Qual o espaço reservado ao empresariado nacional, ainda mais agora que Cabo Verde passou para o grupo de Países de Desenvolvimento Médio? Coube ao empresário e deputado José Oliveira tentar responder a esta questão. Com investimentos feitos em turismo, Oliveira entende que o empresariado cabo-verdiano ainda é uma classe com dimensão reduzida, concentrada praticamente nas ilhas de Santiago e de S. Vicente. Segundo Oliveira, 65 por cento das empresas existentes estão centralizadas nas referidas ilhas e movimentam quase noventa por cento do volume de negócios no país. "Se continuarmos a 'plantar' dinheiro somente nas regiões com maior índice populacional, é lá nessas regiões que vai continuar a 'nascer' dinheiro", critica o conhecido Djopan, para quem o empresariado nacional padece de fragilidade financeira, que o coloca em desvantagens em relação aos seus concorrentes estrangeiros. "Outra coisa: não temos lobbies políticos. É



mais fácil um estrangeiro fazer lobbie do que um empresário da casa.”

TURISMO E RECURSOS HUMANOS

Uma das áreas de negócio cujo retorno parece estar garantido em Cabo Verde é a do turismo residencial. E, pelos vistos, com a participação activa de um número significativo de empresários cabo-verdianos, nalguns casos em parceria com investidores externos.

“A presença actual de empresários cabo-verdianos nos projectos é maior que a fatia conseguida nas Canárias ou em Algarve”, compara Almada Dias, que se apoia no volume de investimentos previstos para as ilhas de S. Vicente, Sal, Boa Vista e Santiago, com a envolvimento directa de empresários nacionais. “Mas será que essa participação deve-se a políticas internas ou é meramente um factor circunstancial? Será que estamos preparados para aproveitar todas as oportunidades?”, questiona, em jeito de desafio. Mas, como ele próprio diz, a permanência do investidor cabo-verdiano nas resorts está assegurada. Contudo nem todos têm esse optimismo, que o digam os empresários que questionam as condições de acesso aos financiamentos bancários.

Com tantos investimentos turísticos em carteira, Cabo Verde, segundo Eugénio Inocêncio, deverá preparar para receber milhares de imigrantes e quadros superiores cabo-verdianos residentes na diáspora, nos próximos quinze anos. Mão-de-obra necessária para dar vazão à oferta de emprego gerada em torno do

turismo, em várias ilhas, quase que em simultâneo. Este fenómeno, adianta o empresário, vai impedir a deslocação interna de trabalhadores, logo a solução será abrir as portas à imigração eventualmente selectiva. Pessoal qualificado em determinadas profissões que poderá entrar para vir trabalhar no sector turístico e afins.

Esta necessidade, diz Inocêncio, tem por base um estudo, segundo o qual, a população do país poderá passar de quinhentos mil para um milhão de habitantes, dentro de aproximadamente quinze anos. “Ou seja, o país vive algo extraordinário, uma oportunidade demográfica.”

Este cenário surpreendeu a plateia pela sua magnitude e implicações futuras. Para o jurista Amadeu Oliveira, as autoridades cabo-verdianas precisam começar a encarar esse cenário com mais atenção e preparar as medidas pertinentes, uma delas será definir como e quando abrir as portas à imigração. Mas com tanta gente aguardada nos próximos tempos, Oliveira lança a inquietante questão: será que o cabo-verdiano corre o risco de tornar-se minoria na sua terra? Como vai ficar a nossa identidade cultural?

VENTOS DA ECONOMIA

O conflito em torno dos terrenos nas ZDTI's foi, sem muita surpresa, uma das matérias que despertou um interesse particular da plateia. Victor Fidalgo, presidente da Cabo Verde Investimentos, e o jurista Geraldo Almeida, considerado o “advogado dos

expropriadas, acabaram por ser os actores do filme.

Na introdução ao tema, Victor Fidalgo avançou dados sobre o volume de investimentos turísticos já efectuados e previstos até 2011, para mostrar o impacto dos mesmos na criação de riqueza interna e na promoção de postos de trabalho directos. A partir do próximo ano, empreendimentos como a Cesária Resort começarão a ser edificadas e, segundo o presidente da CI, serão responsáveis pela disponibilidade de treze mil postos directos de emprego e de cinquenta mil indirectos. Contudo, Fidalgo defende que Cabo Verde precisa investir com mais afinco na formação académica e profissional, de modo a tornar o homem cabo-verdiano mais competitivo e ambicioso.

No entanto, vários projectos nasceram em cima da polémica expropriação de terrenos nas chamadas Zonas de Desenvolvimento Turístico Integrado, ou seja nos pontos mais apetecíveis das ilhas. E, na perspectiva do jurista Geraldo Almeida, o Estado tem sido um dos principais responsáveis pelos conflitos sociais resultantes dos processos de expropriação ao desrespeitar uma das regras fundamentais no processo de indemnização. “O Estado tem estado a vender os terrenos antes de pagar as indemnizações. Além disso, ignora o registo matricial dos terrenos. O registo predial não é obrigatório mas, em 2005, o Estado veio dizer que o único documento válido é o registo predial”, elucida Geraldo Almeida, conhecido pelas suas intervenções

em defesa do direito de propriedade de vários cidadãos, nomeadamente na Boa Vista.

Este tema suscitou várias interpelações, com Amadeu Oliveira a afirmar que o número de proprietários de terrenos nas ZDTI's é irrisório comparativamente às áreas declaradas pelo Estado. Além do mais, Oliveira diz, sem papas na língua, que alguns proprietários aproveitaram o processo para “fazerem batota”, nomeadamente aumentando drasticamente o seu pedaço de terra. “Pessoas que tinham por exemplo 50 metros quadrados, surgem num ápice com cinquenta mil. Não estamos perante uma rectificação de terrenos mas sim frente a um acto de batota nos registos matriciais.”

O painel ventos e contraventos da economia facultou ainda as intervenções do ex-ministro da Economia João Pereira Silva e de Luís Vasconcelos, gestor da seguradora Ímpar. O primeiro falou das características da economia cabo-verdiana, do ritmo de crescimento e das receitas, dos investimentos externos e deixou claro o papel do sistema de ensino no processo de desenvolvimento sócio-económico cabo-verdiano.

Luís Vasconcelos definiu os parâmetros da actividade seguradora, dos riscos acoplados aos investimentos, da responsabilidade humana na ocorrência de acidentes e no financiamento da economia pela via seguradora. E garantiu: o mercado segurador cabo-verdiano está apto para fazer qualquer tipo de seguro, desde o seguro vida que os cabo-verdianos devido à sua vocação religiosa não abraça muito a



seguros dos grandes investimentos que já estão em Cabo Verde e outros que vêm por aí “só não temos seguro para a falta de capacidade, como conciliar o estado social com o estado liberal?”

OS (DES)CAMINHOS DE CABO VERDE

A questão da segurança interna, droga, sida, lavagem de capitais foi outro dos temas que apaixonaram os participantes do fórum. Coube ao ministro da Administração Interna fazer o diagnóstico da situação e apontar medidas que Cabo Verde e a comunidade internacional devem adoptar para combaterem os fluxos migratórios e o tráfico humano. “A nossa perspectiva do assunto não é repressiva nem casuística. Temos de ir à raiz do problema”, sublinhou Júlio Correia.

Segundo Júlio Correia, Cabo Verde tornou-se nos últimos anos um destino para a imigração clandestina. Pelos dados do ministro da Administração Interna, cerca de dois mil e 500 imigrantes chegam anualmente a Cabo Verde, com uma entrada diária de quinze pessoas somente na cidade da Praia. Esse ritmo de procura pode, na perspectiva de Correia, saturar a capacidade de encaixe do país e perigar a estabilidade social.

“Será que temos capacidade para suportar os custos desses processos? Queremos acolher os nossos visitantes da melhor forma, proporcionar-lhes condições dignas de estadia. Mas não vamos pactuar-nos com os fluxos migratórios”, clarifica Correia, que se mostra de acordo com o plano de acção traçado em Rabat – Marrocos – para o combate a esse fenómeno.

Esse plano defende uma intervenção global dos países emissores, receptores e de trânsito dos boat-people.

Além da imigração, Cabo Verde ainda enfrenta desafios relacionados com o consumo de drogas, prostituição, lavagem de capitais, extradição de criminosos... Esses ângulos foram abordados no painel Os (des)caminhos de Cabo Verde, em paralelo com outro factor que auxilia a propagação da criminalidade: o mau ordenamento do território.

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, MÉDIA E CULTURA

Amada e odiada, a Administração Pública cabo-verdiana esteve no banco dos réus no fórum de A Semana. Para José Pedro Oliveira,

a A.P. nacional é um desastre. Outros também consideram que esse aparelho está afectado demasiadamente pelo vírus da burocracia e que só serve para emperrar o resto do sistema. Para Osvaldo Rocha, por exemplo, o país precisa romper com a “burocracia crónica”. Curiosamente, Eugénio Inocêncio defende o reforço da burocracia.

Mas, para a ministra Cristina Fontes, Cabo Verde conseguiu o desenvolvimento alcançado graças, em parte, à sua Administração Pública. “Em apenas 32 anos de independência, saímos da cauda do desenvolvimento e atingimos o patamar de PDM. Antes da independência morríamos de fome, hoje alcançamos níveis de saúde invejáveis. Por que obra e graça somos o único país africano capaz de atingir os objectivos do Milénio?!”, enumerou a ministra Cristina





Fontes, para quem a Administração conseguiu desempenhar o seu papel no processo de desenvolvimento nacional, apesar das dificuldades. E, com o recurso às reformas e às novas tecnologias, augura um outro desempenho desse aparelho.

E, se há sector amante das novas tecnologias, é a imprensa, em todos os seus modelos: impresso, radiofónico, televisivo, on-line... Essa relação de dependência é tão forte que, segundo o jornalista Nuno Pacheco, chegou-se a augurar o final do jornal impresso.

O certo, segundo Pacheco, é que existem actualmente vários jornais com distribuição gratuita no mundo como também é certo a diversidade dos meios de divulgação da informação: Internet, telemóveis, ipods... “O público mudou e a informação vai atrás dele”, elucidou.

Mas quem quer o jornalista mais perto e interventor é o sector cultural cabo-verdiano, que se queixa da cobertura dada aos agentes. Isto apesar deste semanário dispor do suplemento cultural Kriolidade, além da cobertura semanal que sempre destinou aos eventos culturais.

Todavia, agentes teatrais e artistas plásticos parecem estar insatisfeitos com o percurso da cultura cabo-verdiana, considerada a alma do povo. Essa amargura ficou patente na intervenção do artista Ró – Interart, momentos antes do encerramento do fórum. Ró mostra-se particularmente ofendido com o tratamento alegadamente dispensado a uma obra em relevo que ofereceu ao Palácio da Cultura, em homenagem ao funaná e a Ildo Lobo. Apesar da situação, Ró e Sota Coronel ofereceram três obras suas jornal A Semana a este semanário, em reconhe-

cimento pelo trabalho desenvolvido em prol da cultura cabo-verdiana.

Vários outros painéis tiveram espaço no fórum. O ex-ministro Gualberto do Rosário abordou a questão Como conciliar o Estado social com o liberal; o político Onésimo Silveira tomou sobre a sua responsabilidade falar da Estabilidade como factor de desenvolvimento; o autarca Amadeu Cruz disse da sua justiça sobre a pobreza da mensagem política em Cabo Verde... No fundo, a percepção de Amadeu Cruz coincidiu com a ideia geral dos cabo-verdianos.

Convidado para o encerramento do encontro, o ministro Manuel Inocêncio sentiu-se na obrigação de limpar um pouco a imagem preva-
lente na sociedade sobre os políticos. “A política, disse o ministro de Estado, é uma ac-

tividade estimulante e pode ser exercida com nobreza.”

Mudando depois o seu tom de discurso, Manuel Inocêncio disse, no acto de encerramento, que A Semana ultrapassou as bitolas de um mero órgão informativo, sendo actualmente tratado como uma instituição. “Uma instituição prestigiada que se afirmou no processo democrático cabo-verdiano”, afirmou Inocêncio, que augura um forte crescimento da economia cabo-verdiana com base no investimento privado. “Hoje, sublinho o governante, temos menos temores em relação ao futuro deste país.”

Paralelamente ao fórum, a organização deu formação às crianças e adolescentes que produzem o jornal Semaninha e fez o lançamento de um livro do quadro da casa, o jornalista José Vicente Lopes.



Luiz Filipe Tavares

(Vice-Reitor da Universidade Jean Piaget)

"O Fórum abordou temas interessantes, de destacar a preocupação com a qualificação dos recursos humanos. É preciso implementar o empreendedorismo no seio dos jovens e criar as condições para gerar emprego nesse sector e fomentar os investimentos nos pequenos negócios, mas também apostar na qualificação profissional e na formação especializada são formas de contribuir para o desenvolvimento do país."

Eugénio Inocêncio

(Presidente do Santiago Golf Resort)

"Este Fórum aconteceu numa altura em que é preciso repensarmos a formação dos nossos quadros. Penso que, neste momento, com o fluxo de investimentos para Cabo Verde, sobretudo no sector do turismo, temos que acelerar a formação dos nossos jovens. Essa formação deve ser concretizada pelas instituições clássicas – as universidades – e a capacitação profissional deve acontecer através dos centros de formação que já existem em todas as ilhas do país."

Dionísio Simão

(Presidente da SOS Cabo Verde)

"Achei o Fórum super interessante, ultrapassou as minhas expectativas. A Semana conseguiu juntar políticos, empresariado nacional, detentores do poder económico, sociedade civil sem causar nenhum conflito. Constatei uma entrega total entre as discussões e sugestões de todos os intervenientes em prol do desenvolvimento nacional."

Dilva Gonçalves

(Assessora de Imprensa da CMP)

"Todas as intervenções foram interessantes. Gostei muito de intervenção do João Vieira que fez uma apresentação excelente sobre o ordenamento do território, arquitectura e urbanismo."

Nelson Atanásio

(Presidente da Associação dos Armadores de Cabo Verde)

"Foi uma excelente oportunidade para expor a situação da pesca industrial em Cabo Verde, sobretudo as ameaças, as oportunidades e as potencialidades que o sector apresenta. Com este Fórum acredito que os investidores, sejam eles públicos ou privados, vão pensar melhor nas carências e apostar na formação dos marinheiros, na modernização da frota de pesca, no acesso ao crédito e melhorar a comercialização do pescado."

José Almada

(representante da Cabo Verde Investimentos)

"Este fórum contribuiu para constatar que o foco actual está no turismo residencial e que o turismo é o maior sector económico mundial. Cabo Verde está na moda. Resta saber se será uma moda passageira. Mesmo porque modas podem ser duradouras como é o exemplo de Portugal está na moda do turismo residencial, apesar deste se ter iniciado desde 1966. Acredito que esta moda aqui pode ser duradoura. É preciso que haja mais fóruns dessa natureza pois é uma grande oportunidade para mostrarmos as potencialidades do nosso país".

Aristides Monteiro

(Tide)

"Eu tenho uma impressão positiva sobre o Fórum enquanto espaço de debate e reflexão sobre os temas da actualidade nacional. Contudo, entendo que o encaideamento dos temas poderia ser melhor. E os painéis poderiam ser mais especializados para a plateia que tivesse interesse. É crucial que o Fórum seja partilhado com a sociedade civil, as notas sobre os debates publicadas no online não conseguiram espelhar a infinitésima parte do que foram os debates. De modo que acho crucial a publicação de um relatório final com os conteúdos para o debate continuar e não ficar intermitente e restrito aos participantes".

Humberto Jorge Santana

Realizado o Fórum "Onde estamos, para onde vamos", na cidade do Mindelo, organizado pelo Jornal A Semana, achei que tinha o dever de expressar umas palavras de reconhecimento e de agradecimento à sua Direcção por me ter permitido assistir e, igualmente, fazer referência à valia e clareza de muitas das intervenções que presenciei.

Posto isto, apresento-me: sou português, filho de pai cabo-verdiano, natural da ilha da Boa Vista e tenho a profissão de psicólogo.

Dividiria a minha explanação em dois (2) itens:

- 1 - Exposição de temas e debates;
- 2 - Programa social e cultural.

Quanto ao ponto 1, digo-vos, com toda a sinceridade, da minha admiração e surpresa com a riqueza e o desassombro da grande maioria das intervenções, quer dos palestrantes quer dos assistentes. Não é comum ouvir-se falar de →

Odette Pinheiro

"A iniciativa de A Semana organizar este fórum é excelente, pois dá à sociedade civil um espaço de reflexão e debate muito necessário, já que não temos entre nós nem hábito nem tradição nem oportunidade desse tipo de discussão. E ela é necessária para as pessoas se habituarem ao contraditório e à pluralidade de opiniões. Este é um aspecto que ainda falta na nossa democracia: que as pessoas se habituem a conviver com ideias diferentes, sem que estas sejam levadas para o campo pessoal, ou que a diversidade de opiniões dê lugar a malquerenças, insultos e ofensas. O nível do debate foi bom, pois houve um ambiente de cordialidade, e os prelectores têm craveira. Mas alguns painéis foram excessivamente sobrecarregados, tentando cobrir áreas demasiado extensas, especialmente o único painel social do fórum, onde aos problemas sociais se juntou o urbanismo. Realmente foi mais um fórum sobre economia, a que se deu amplo espaço, ficando outros assuntos muito pela rama. Mais do que novos temas, eu gostaria de ver debatidos num próximo fórum, com mais tempo e profundidade, alguns dos que tivemos neste fórum, como os problemas sociais, a cultura e os meios de comunicação. Como frisou, e bem, uma jovem participante, na maior parte do tempo limitámo-nos a delinear problemas, sem apontar possíveis soluções. E isso por causa do tempo tão escasso. Sendo a saúde um dos meus interesses, eu gostaria de ver discutidos os problemas do funcionamento dos hospitais, consultas externas, marcações, etc., questões que têm a ver com a qualidade de vida do povo que não pode pagar a medicina privada. Há um deficit muito grande no relacionamento das estruturas de saúde com o público, e creio que há soluções que não implicariam maiores recursos mas facilitariam a vida dos utentes e aumentariam o seu grau de satisfação (ou diminuiriam a insatisfação!)."

modo tão livre e crítico, quando assim entendido. Os meus parabéns pelo "jogo claro posto na mesa". Um pormenor que, mais uma vez, eu diria "déjà vu", é o seguinte – vocês conhecem os "quês e os porquês", o diagnóstico está feito, porque não avançar em direcção à "Acção". Sabe-se que "Roma e Paiva não se fizeram num dia", mas acho que devem continuar a ir em frente, com cautelas, com pequenos passos, atendendo, é claro, à vossa situação global no mundo. Hoje já é ontem e, através do binómio "fazer/aprendendo", singrem, de velas ao vento, devem isso a vocês (próprios) intelectuais e aos restantes cidadãos – o povo – deste País, sem esquecer os emigrantes, para alcançar o desiderato de um Maior e Melhor Cabo Verde.

Relativo ao ponto 2, renovo os meus agradecimentos à Dra. Filomena e aos seus colaboradores. Tiveram a "arte e o engenho de construir" uma programação bem diversificada, com muita animação, sendo de realçar a excelência dos intervenientes, proporcionando momentos deveras agradáveis e divertidos, aliás, o que não é de espantar, atendendo à cordialidade deste povo".

Ró (Interart)

"A realização deste fórum mostra que eventos desse tipo têm de ser feitos. É uma forma de juntar intelectuais e artistas. Os temas debatidos foram muito interessantes, mas têm que ser estudados mesmo a fundo. É preciso realizar mais fóruns nesse nível, para podermos juntar-nos e encontrar soluções para os nossos problemas. O governo deve apoiar mais este género de iniciativas, nomeadamente a cultura, pois eu e os meus colegas temos muito a dar a Cabo Verde".

António Neves

"Foi um evento extraordinário, ultrapassou as minhas expectativas. As pequenas divisões foram postas de parte. O nível das intervenções foi excelente. A organização foi também muito boa. E como!!! Deve-se continuar, como é evidente, com eventos dessa natureza, pois têm um papel extraordinário na nossa sociedade porque com a troca de ideias, a discussão de problemas que nos dizem respeito, vamos sintonizando cada vez melhor. Estou convencido de que este Fórum teve um papel adicional porque conseguiu colocar no mesmo salão gente de todas as áreas - religiosa, política, etc. – e conseguiu reunir a classe política, de todas as tendências (situação, oposição, independentes, radicais moderadas, etc., além da sociedade civil em São Vicente".

César Schofield

"A organização deste fórum é uma iniciativa privada extraordinária e uma lição de que a sociedade civil tem que organizar esses fóruns e não tem que esperar que o Estado esteja sempre a liderar processos na nossa sociedade. Esse é um dos grandes objectivos do fórum. Não penso que este fórum vá ajudar a resolver os problemas do país. Porque neste fórum esteve presente, principalmente, uma corrente economicista de desenvolvimento e problemas da cultura, educação, média foram debatidos de forma um bocadinho residual. O próximo fórum deveria se inverter-se um bocadinho a corrente economicista".

Diva Barros

"A iniciativa foi boa. Aliás, é sempre bom desde que os temas discutidos digam respeito ao cabo-verdiano. Este fórum é um marco na nossa história porque teve alto nível, uma óptima organização e tratou de temas de facto pertinentes na vida de Cabo Verde e dos cabo-verdianos. Foi excelente e Deus queira que haja mais coisas deste género. Nós, cabo-verdianos, deveríamos juntar-nos mais vezes para poder discutir aquilo que nos interessa. Portanto, é opinião geral, não há outra questão a não ser falar do sucesso. Num próximo fórum, penso que se deveria falar mais de cultura e média, pois são dois temas também importantes para Cabo Verde. Média porque passa transversalmente à nossa sociedade, deve dar conta do seu pulsar, lutas, desafios e emissões. A cultura porque é um pilar super importante em Cabo Verde e deve ser muito mais debatida. É a nossa cultura que nos torna conhecidos lá fora primeiro, depois vêm os políticos. E só por isso a cultura deve ser melhor debatida e, com certeza, A Semana vai pensar nisso. E no dia em que a nossa cultura for objecto de um fórum, ela terá outra dimensão".

Reacções por email

Ana Paula Rodrigues Delegada da Cabo Verde Investimento em São Vicente

"A realização do Forum foi uma ideia ótima. O evento teve muito qualidade e alto nível de discussão. Não me lembro de ter assistido a um forum com tão grande qualidade. É o melhor que poderia acontecer em Cabo Verde. Os temas debatidos são muito actuais e muito bons. Mas, a meu ver, pela pertinência, deveriam ter sido discutidos um pouco mais certos temas. Houve concentração nos temas económicos, daí que, a meu ver, deveria se pegar nos temas que ficaram um pouco à margem, política, cultura e media".

Très chère Filo,

De retour à Dakar, je veux t'adresser toutes mes félicitations pour cet événement unique que tu es parvenue à organiser.

Comment ai-je fais pour vivre tant d'années, sans connaître le Cap-Vert ?!. J'ai été complètement séduite. Par les gens, leur volonté, leur confiance en eux et dans leur pays, leur générosité et leur hospitalité. Par les paysages : grandioses !

Le Cap-Vert, on dirait que c'est l'Afrique qui gagne !

Je veux donc te remercier pour cette découverte. N'oublie pas surtout d'envoyer ta proposition à OSI.

Gracias Asemana, mis felicitaciones por el mérito de llevar acabo el "Forum Asemana" con un objetivo a destacar, un mejor Cabo Verde para todos!

Filomena con tú fuerza y coraje, respaldada por el equipo Asemana el cual nos atendió con profesionalidad y simpatía, y todos los invitados, hicieron del Forum "onde estamos, para onde vamos" una experiencia única.

Para mi ha marcado un antes y un después de mi vida en Cabo Verde. Unos días llenos de aprendizaje, de convivencia, de comunicación, de intercambios, de compartir nuestras ilusiones, nuestras opiniones, de aprender que aunque puede que no estemos de acuerdo con los demás, es importante respetar sus opiniones. Sí Filomena, toda la razón, vivo en Cabo y por ello me siento Cabo Verdiana, y por esa misma razón no puedo ser indiferente a todo lo que siento que sería positivo para el desarrollo de este, nuestro país.

Que las palabras compartidas por todos los que estuvimos presentes no queden en simples palabras, que el debate siga y los cambios deseados por todos puedan llevarse acabo, porque todos soñamos con un futuro lleno de oportunidades para Cabo verde.

El titulo del Forum no podía ser mejor "donde estamos y para donde vamos"! Pero y yo pregunto, porque insisten tantos en seguir anclados a un pasado que ya no es posible cambiar.. "que si en CV se moría de hambre, que si hace años no había nada ect. ect. ect.", eso es parte del pasado y de la historia, seguir mirando atrás no deja ver el presente ni el futuro siendo objetivos. Hay que valorar donde nos encontramos ahora, Filomena acertaste de lleno con el titulo...porque donde estamos es desde donde podemos partir y dirigir el nuevo rumbo a un desenvolvimiento deseado por todos.

¡Forca y Viva Cabo Verde!
Sonja Arup

Formação profissional no sector do turismo é grande aposta

Nesta 2ª edição do “Onde Estamos? Para onde Vamos?”, estiveram em debate também os caminhos da formação e qualificação do nosso mais valioso capital. Destacamos agora, aqui, as comunicações de Luís Filipe Tavares e de Eugénio Inocêncio, na sessão dedicada aos “Recursos Humanos para os novos tempos”.

Lília Mesquita

Afinal, Cabo Verde tem mais empregos a oferecer do que a capacidade actual de resposta. Pelo menos no sector do turismo. Quem o diz é o presidente do Santiago Golf Resort, Eugénio Inocêncio.

O caminho é, portanto, a formação para o sector e já há instituições preparadas para esse desafio, como o afirmou o Vice-Reitor da Universidade Jean Piaget, Luís Filipe Tavares. Segundo ele, essa universidade privada, sediada na capital, foi a primeira instituição de ensino a criar um curso para o sector e tem pronto para arrancar um outro, virado para o empreendedorismo.

O curso de Gestão de Hotelaria e Turismo foi o primeiro a ser implantado em Cabo Verde e tem como objectivo formar profissionais capacitados para responderem aos novos desafios que irão surgir neste sector. Esses profissionais estarão aptos a gerir unidades hoteleiras e de turismo, bem como a promover visitas, congressos, exposições, festivais, eventos que estimulam o turismo. Mais, esses novos profissionais que devem desembocar no mercado daqui a – anos – poderão ainda organizar desde excursões e venda de pacotes, a roteiros de férias, reserva e negociações de preços, hotéis e passagens, para além da sua capacidade de actuar na área do marketing turístico.

Outro investimento, que segundo a Universidade Jean Piaget viabilizará grandes oportunidades no futuro, é a criação do CDE (Centro de Desenvolvimento Empresarial). “A ideia

é promover o empreendedorismo e contribuir para o desenvolvimento sustentável de Cabo Verde”, realça o vice-reitor, para quem formar empresas no âmbito da investigação, incubadoras de empresas e prestar consultoria são alguns dos eixos estratégicos para o andamento deste projecto.

E em hora de balanço, antes de se lançar em novos projectos, o vice-reitor enumerou as realizações da Universidade Jean Piaget: lançou dois concursos de ideias para projectos empresariais – que incluam a distribuição de prémios num montante equivalente a 11 mil contos –, e, ainda, um projecto de investigação na área do empreendedorismo estudantil que contribuiu para a colocação de mais de 2000 estudantes em estágios na Administração Pública e no sector Privado e integrou cerca de 38 estudantes em diversas empresas privadas, nacionais e estrangeiras. “A qualificação dos recursos humanos, sobretudo o incentivo à criação de empresas, é a grande aposta da Jean Piaget”, reiterou o seu Vice-Reitor.

Entre os projectos, a Uni Piaget prevê iniciar em 2009-2010 a formação especializada para o sector financeiro, com cursos de especialização em “Banca e Seguros”, “Avaliação de empresas”, “Empreendedorismo e criação de negócios”, “Gestão e promoção imobiliária”, “Análise de mercados financeiros”, “Gestão de activos e trading em mercados financeiros”, como avançou Luís Filipe.

TEMPOS DE TURISMO

O Presidente do Santiago Golf Resort, Eugénio Inocêncio, também defendeu, neste fórum ASemana, a ideia de que “os tempos actuais são tempos de turismo”. Segundo afirma, o sector do turismo tem uma grande oferta de postos de trabalho e de oportunidades de negócio para o desenvolvimento do país.

Eugénio Inocêncio considera que Cabo Verde está a passar por uma boa fase na área do turismo. Entretanto acredita que atender as demandas nesse sector implica alterar um dos paradigmas em que a própria cultura cabo-verdiana se formou, sobretudo, numa sociedade onde há mais procura de oportunidades e de emprego do que a oferta dos mesmos.

Cabo Verde, segundo este empresário, vai, nos próximos quinze anos, revelar-se uma sociedade diametralmente oposta à actual, pois prevê que “a oferta de oportunidades seja superior à procura”. E acredita que o país não tem população suficiente “em quantidade e em qualificação profissional para suprir as demandas” que, com toda a certeza, vão surgir “a partir da implementação dos grandes projectos no sector do turismo”. “É preciso acelerarmos a formação dos nossos jovens, caso contrário futuramente vamos ter que importar mão-de-obra recorrendo aos emigrantes com qualificação ou ainda aos imigrantes”, assegura.

Operação de charme na ilha das montanhas no day after do Fórum



Santo Antão mostrou onde está e já sabe para onde vai

Por: Catarina Abreu

Santo Antão também quer afinar o passo ao ritmo do desenvolvimento de Cabo Verde. E no day after do Fórum d'A Semana mostrou onde está e que já sabe para onde vai. Para isso, impulsionadas pela Spencer Construções, as autoridades da ilha – as Câmaras, o empresariado e toda a sociedade civil – congregaram esforços e deram a conhecer aos participantes do Fórum as potencialidades do “gigante adormecido”, que está a despertar para as novas oportunidades emergentes no país. Numa viagem-expresso

pela segunda maior ilha de Cabo Verde, podemos ver Santo Antão no seu melhor e quais são os projectos para o futuro das suas gentes. Gentes essas que, unidas, foram assertivas quando lançaram o desafio: que o próximo fórum seja em Santo Antão. O convite foi aceite e o evento deverá acontecer em Outubro do próximo ano, no município da Ribeira Grande.

A ilha mostrou-se às mais de 70 pessoas que compunham a comitiva d'A Semana como uma alternativa ao turismo de massas, o prometido

pelos enormes complexos turísticos e o grande capital. Sem ter as praias de areia branca que tanto atraem os investidores, a ilha das montanhas escolheu uma estratégia mais inteligente e bem reflectida. A opção turística para Santo Antão assenta sobretudo em tirar partido da sua Natureza imponente – seu recurso por excelência que até sob o ponto de vista de desenvolvimento económico tem que ser obrigatoriamente preservado – e mostrar o Cabo Verde real.

Chegando ao Porto Novo, a primeira para-

gem da visita relâmpago foi numa pousada daquele município onde a mesa estava farta com o típico pequeno -almoço crioulo: a cachupa guisada (com os respectivos ovos estrelados e linguiça), o cuscuz com mel, o funguin, a brinhola e o queijo di tera fizeram as delícias dos convidados.

Todos de volta às Hiaces que corriam à velocidade máxima que os altos e baixos das montanhas santantonenses permitiam, o destino era a comunidade de Lombo Branco situada



na costa leste de Santo Antão, a 330 metros acima da praia de areia negra da Sinagoga, onde se cultivava café, cana de açúcar, bananas e tubérculos. Depois de uma subida vertiginosa, cheia de curvas e contracurvas, a excursão parou para conhecer um novo empreendimento turístico da SCI – Spencer Construções e Imobiliária, que apostando no turismo de montanha, ali acaba de construir 26 vivendas. “Já estão todas vendidas”, anuncia-nos, orgulhoso, o engenheiro Emanuel Spencer, “as da segunda fase também e as da terceira vão no bom caminho”, completa a informação. Ao lado o francês Julien Male do AK projecto não pára de exclamar “C’est bizarre, avoir des maisons pareilles ici c’est bizarre!” (“É de doidos ter estas casas geminadas num local desses, é de doidos!”). Já o José Vicente não sabia como ir contar à sua mãe que há muito saíra de Cabo Verde, esse milagre, casas luxuosas em Lombo Branco.

E como ir a Santo Antão sem ver um trapiche de grogue é o mesmo que ir ao Vaticano sem ver o Papa, lá se parou no Paul para visitar o espécime mais antigo da ilha. O espaço é intocado, em que a padja dos garrafões é amolecida debaixo de uma fonte de água fresca que escorre pela quinta e o grogue, que todos bebericaram, é destilado naquele singular alambique. E

no meio desse museu vivo, observar que todos querem ter o seu quinhão na onda de investimento turístico que está a assolar Cabo Verde. Neste contexto tão puro e quase inocente, o mel, os grogues e ponches, comercializados em garrafas recicladas de Super Bock e Sagres, têm o seu rótulo em inglês. Um século depois do tempo em que se acreditava em “maçons” que levavam e traziam trapiches. Aliás, o trapiche tem uma história parecida a explicar o seu surgimento no Paul. Da noite para o dia apareceu assim, como obra do diabo. Pormenor só, desgarrado, quase avulso, mas que à sua maneira vai trazer novas oportunidades de negócio. Um novo marketing a emergir naquele lugar e agora nem o trapiche-museu escapa a essa nova visão que tomou conta de Santo Antão e se estende desde os grandes investidores até ao pequeno agricultor ou produtor de grogue.

Ponta do Sol. Aí nos recebeu o presidente da Câmara, Orlando Delgado, frente ao seu imponente Paços do Concelho, localizado no vila para onde está projectado o maior Centro Comercial da ilha. Parte do roteiro, que pretendia dar um “cheirinho” de todo o Santo Antão, lugar sempre protegido pelas nuvens, onde as montanhas se precipitam sobre o mar, o tempo escasseou para aproveitar todos os prazeres que

aí podem encontrar-se. Por isso, bem se pode dizer que esta viagem foi como o trailer de um filme, em que o objectivo era despertar o desejo de voltar àquele local e, confortavelmente, ver a película completa.

Rumo a Pedracin Village, do empresário José Pedro de Oliveira, todos tiveram a oportunidade de ver que era outro o conceito – já tinham contactado com um exemplo de turismo de montanha e agora era a vez do turismo rural. A beleza das casas tradicionais no meio do verde em frente às montanhas era única e a piscina fazia-nos sentir outro conforto. A aposta nos produtos tradicionais crioulos manteve-se e a diversão era muita entre cavalos, pavões e outras espécies que tais. Mas o deadline para o barco de regresso apertava e era imperativo “dar expediente” para o almoço, que foi antecedido por uma recepção de mazurcas e kola-sanjon e acompanhado pela música dos artistas da ilha.

Os pratos eram de paladar 100% crioulo, pois todos eram confeccionados com produtos di tera. O vinho servido não era de Santo Antão, mas tinha o inconfundível gosto da Chã das Caldeiras. Está aqui patente mais uma das premissas deste turismo alternativo de Santo Antão, que quer fugir aos meros consumido-

res de hotel e oferecer, com todo o carinho e morabeza, o melhor das nossas ilhas. Mas, sem inocências imaturas, pretende também encontrar soluções para desenvolver a sua economia, tornando-a forte e estruturada e envolvendo todos os sectores produtivos, em que também o povo é “tido e achado”.

O lobby era composto pelo presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande e presidente da Associação de Municípios de Santo Antão, Orlando Delgado, pelo Delegado de Saúde daquela cidade, Arlindo do Rosário, pelo vice-presidente da Câmara do Paul, Hélder Lopes, e pelo presidente da Câmara de Porto Novo, Amadeu Cruz. Os empresários José Pedro de Oliveira e Emanuel Spencer (o grande financiador desta operação de charme) e homens ligados à cultura como Homero Fonseca também associaram-se à iniciativa.

Todos se juntaram num autêntico “grupo de pressão” pela ilha e até neste ponto os santantonenses se decidiram pela alternativa - nada de queixas sobre o serem esquecidos pelo Governo e sim ao deitar mãos à obra. A união faz a força e o objectivo, claro e legítimo, era seduzir os convidados. E resultou: está prometido que o próximo Fórum do Jornal A Semana tem local certo na imponente ilha das montanhas.

Álbum do Fórum



Álbum do Fórum



Álbum do Fórum

